



Índice

- 01 Líder indígena: 'Expectativa é de que (policiais) entrem a base de violência'
- 02 "Processos no STF precisam ser julgados", dizem indígenas do MS
- 03 Uma boa olhada na Universidade Indígena da Venezuela
- 04 Hermínio Coelho se reúne com Indígenas em Guajará-Mirim
- 05 Projeto 'Casa do Ribeirinho' deve favorecer meio ambiente e famílias
- 06 Chico Alencar defende índios que ocupam sede de museu no Rio de Janeiro
- 07 Deputado gaúcho pretende criar CPI da Funai
- 08 Quilombolas cobram melhorarias nas estradas
- 09 Adepará vacina contra febre aftosa em aldeias indígenas do Pará
- 10 Nível do rio Taquari atinge os 5 metros e preocupa ribeirinhos em Coxim



Líder indígena: 'Expectativa é de que (policiais) entrem a base de violência'

SÍTIO UOL, 19.03.2013

O prazo dado pela Justiça para que os cerca de 75 indígenas se retirem da Aldeia Maracanã expirou nesta segunda-feira. Marcados pela tensão no decorrer do dia, devido à intensificação do aparato policial em frente ao local, os índios temem uma invasão violenta da Polícia Militar.

Líder de uma das etnias presentes na Aldeia Maracanã, Dauá Puri concedeu entrevista ao SRZD e explicou a situação e o temor dos índios no local. "A nossa expectativa é que eles (PM) tomem a medida de entrar com violência aqui", disse. "Expirou o prazo de 72 horas. Nenhum dos nossos recursos foi aceito... Estamos isolados aqui".

Dauá disse que os índios irão resistir até o final contra a decisão de retirada, alegando que tentou todas as formas de diálogo para um desfecho favorável tanto ao Governo como aos indígenas.

"O que acontece é que durante todo esse processo nós procuramos manter o diálogo, mas eles não reconhecem o indígenas que aqui estão", argumentou.

As forças policiais que vigiaram o local durante todo o dia já foram embora. O defensores públicos que defendem a causa continuam no Tribunal de Justiça tentando uma revogação da ação que ordenou o despejo.



"Processos no STF precisam ser julgados", dizem indígenas do MS

SÍTIO VERMELHO, 00.00.2013

Comissão de lideranças Guarani Kaiowá e Terena, povos do Mato Grosso do Sul, estiveram em Brasília (DF) durante a semana passada para cobrar autoridades sobre os processos de demarcação e homologação de terras indígenas, além de segurança para as comunidades que permanecem em áreas tradicionais retomadas de latifundiários.

A agenda contou com reuniões na 6ª Câmara de Coordenação Revisão da Procuradoria Geral da República (PGR), Fundação Nacional do Índio (Funai) e com a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann. Porém, é no Supremo Tribunal Federal (STF) que os indígenas dizem estar um dos principais gargalos da questão.

"Existem processos de terras indígenas parados lá (STF) há 15 anos. Nesse meio tempo nosso povo morre assassinado, alcoólatra e se suicidando. Fora as terras que estão homologadas pela Presidência da República e ainda a gente vê o sangue indígena correr", afirmou Otoniel Guarani Kaiowá.

No Supremo encontram-se dez processos envolvendo a questão fundiária de terras indígenas localizadas no estado do Mato Grosso do Sul. Quase a metade é de suspensão de processos administrativos da Funai. O ministro Marco Aurélio Mello responde pela metade do total das relatorias. Há ainda suspensões de decretos presidenciais.

Arroio Korá

Um dos casos mais emblemáticos é o da Terra Indígena Arroio Korá, encravada no município de Paranhos (MS), cone sul do estado. Homologada em 21 de dezembro de 2009 pelo então presidente Lula, teve liminar – pedindo a suspensão do ato - deferida pelo ministro Gilmar Mendes oito dias depois, em meio ao recesso do STF.

Desde então o processo encontra-se parado. Por determinação de Mendes, 126 famílias passaram a viver em 700 hectares – de um total de 7205 hectares homologados. No início de setembro do ano passado, cerca de 500 Guarani Kaiowá e Nandeva começaram a retomar áreas do tekoha – lugar onde se é – Arroio Korá.

De acordo com os relatos dos indígenas, um adulto desapareceu e uma criança morreu em decorrência de um dos ataques dos pistoleiros. Numa das carta-denúncia divulgada pela comunidade e conselho Aty Guasu, os indígenas relataram que o fazendeiro Luiz Bezerra disse, na presença da polícia, que não iria parar de atacar os índios, pois derramaria muito sangue para sair das terras.

Outro caso é o do tekoha Takuara, cujo processo há 15 anos está no STF. Ládio Veron afirmou que a comunidade nunca deixou de ser ameaçada pelos fazendeiros e lembrou do pai, Marcos Veron, assassinado em 2003. "A cana tem mais valor que a Constituição? Precisamos das nossas terras para parar o sofrimento", declarou Veron.



Uma boa olhada na Universidade Indígena da Venezuela

SÍTIO GLOBALVOICE, 19.03.2013

Qual é a sensação de ser um estudante na Universidade Indígena da Venezuela [es]? Três alunos do departamento de edu-comunicação participaram, recentemente, de uma oficina coordenada pelo Rising Voices [en] para aprender como tirar fotografias digitais com maior qualidade e como fazer o upload e compartilhar as fotos na internet.

Estes três alunos fazem parte do projeto de exibir esta universidade singular projetada para oferecer uma modalidade de educação intercultural e experimental para estudantes originários das comunidades indígenas na Venezuela. Ao acessar a conexão por satélite da universidade, que foi disponibilizada pelo programa do governo denominado Infocentros [es], os estudantes podem usar a internet para compartilhar imagens das atividades, das instalações e da natureza deslumbrante ao redor do campus de 2 mil hectares localizado no estado de Bolívar.

Para ler mais sobre a universidade e a oficina que aconteceu em fevereiro de 2013, leia o post no blog do Rising Voices [en].

Estas são algumas das fotos tiradas pelos alunos e postadas na conta Flickr da universidade. Clique na foto para ver a foto original.

A typical hut-like structure called a "churuata" where the students gather for meetings and other group activities. Photo by Akaneto.



Hermínio Coelho se reúne com Indígenas em Guajará-Mirim

SÍTIO PORTALRONDONIA, 19.03.2013

presidente da Assembleia Legislativa de Rondônia, deputado Hermínio Coelho (PSD), esteve reunido, durante visita a Guajará-Mirim, na sede da Associação Beneficente de Assistência Médica e Social à População Ribeirinha do Vale do Guaporé e Mamoré da Amazônia Ocidental (ASBAMGUAMA) com mais de 300 representantes da comunidade indígena, (etnias: Urunão Cheem, Urunao, Urunun, Uruí, Canôe, Macurapi), acompanhados dos vereadores Roberto Oro Win (PSB) e Arão Wao Hara Ororamxijein diretamente pelo voto indígena.

Durante o encontro os vereadores e indígenas agradeceram o apoio do deputado pela cidade de Guajará. "Deputado parabéns pelo seu trabalho, porque esta ajudando nosso município e estamos felizes com isso. Pois a cidade melhorando, nosso povo também melhora", finaliza o vereador Roberto Oro Win.

Para o deputado a reunião demonstra a união e força dos indígenas no processo eleitoral. "Vocês cansaram das promessas do homem branco enquanto político. Por isso fizeram o certo se uniram e elegeram dois representantes dos interesses da comunidade indígena. Desta maneira vocês criaram força política", disse o deputado. Ainda em seu discurso o deputado disse que fará todo o possível para ajudar a comunidade. "No que depender de mim vou trabalhar para vocês. Infelizmente muitas coisas passam pela FUNAI e FUNASA, mas independente disso sou parceiro de vocês, em defesa dos direitos", finaliza.



Projeto 'Casa do Ribeirinho' deve favorecer meio ambiente e famílias

SÍTIO UOL, 19.03.2013

Um novo modelo de casa pode mudar de forma significativa a qualidade de vida da população de baixa renda, do interior do Amazonas. Valorizando a saúde, autoestima e o meio ambiente do caboclo, a "Casa do Ribeirinho" promete dar mais conforto à família e ajuda a preservar a qualidade dos rios e do lençol freático. A construção demora, em média, sete dias.

Criada há mais de três anos pelos arquitetos Deborah Paes e Sérgio Santos, com mais de 12 anos de carreira, a casa de madeira legalizada possui 53 metros quadrados, com dois quartos, sala e cozinha, além de área de serviço e um banheiro dentro da residência, com sistema de tratamento de efluentes, que não polui o meio ambiente. "Essa casa foi planejada a partir da necessidade dos ribeirinhos de possuírem uma habitação adequada para a realidade amazônica, em função das enchentes, áreas de várzea e dos lugares muito longínquo", explicou o arquiteto Sérgio Santos.

Na procura de soluções para a qualidade de vida e preservação do meio ambiente, os autores do projeto resolveram fazer diferente. Se antes os ribeirinhos usavam o fosso - distante da residência - como banheiro, a nova casa terá também tratamento de esgoto, sem degradar a natureza. "A satisfação do ribeirinho é muito grande, principalmente por causa do banheiro. A pessoa mora numa casa de palha, às vezes sem chão e sem banheiro, e passa a ter uma com vaso sanitário e tratamento de esgoto, o que melhora a saúde, o saneamento básico e a qualidade de vida", afirmou o arquiteto.

O local que muitas vezes é algo banal para os moradores da cidade, não é para os ribeirinhos. O banheiro é a parte que mais chama a atenção. "Uma vez fomos à escola e perguntamos às crianças qual o melhor lugar da casa. Todos disseram: o banheiro. Quando eles veem o banheiro, acaba se tornando o melhor lugar da casa. Quando as pessoas não conheciam o banheiro, eles se conformavam em ir ao mato; agora eles viram que é mais cômodo", disse Sérgio Santos.

Cada casa do projeto terá um reator anaeróbio, estrutura que por meio de micro-organismos localizado no topo, separa a biomassa, sendo os gases, separados na base, fazendo o processo de purificação da água não aproveitado da casa, sendo despejado no solo, sem prejudicar o meio ambiente.



Chico Alencar defende índios que ocupam sede de museu no Rio de Janeiro

SÍTIO PSOL, 19.03.2013

O deputado Chico Alencar (RJ) destacou, nesta segunda-feira (18), em discurso no plenário da Câmara, a persistência dos indígenas que ocupam há um ano a sede do Museu do Índio, localizado nas imediações do estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro (RJ). O governo do estado quer derrubar o prédio e construir um estacionamento para a Copa do Mundo, que acontece em 2014.

Segundo o deputado, o grupo de índios que tomou o museu conseguiu, nesse um ano, resgatar um pouco da cultura e mostrar a necessidade urgente de revitalizar o espaço. Chico Alencar lembrou que o antropólogo Darcy Ribeiro apresentou, há alguns anos, um projeto de revitalização do museu, que seria transformado em uma universidade das culturas indígenas.

“Estamos tentando audiência com a ministra da Cultura, Marta Suplicy, que já se manifestou a favor do pleito indígena, para que a solução no interesse da sociedade e desses povos prevaleça”, disse Chico Alencar.



Deputado gaúcho pretende criar CPI da Funai

SÍTIO TERRA, 19.03.2013

O deputado Luis Carlos Heinze (PP-RS) quer criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para revelar o que considera "desmandos" da Fundação Nacional do Índio (Funai). De acordo com o parlamentar, já foram coletadas 150 assinaturas de parlamentares e a intenção é chegar a 200 assinaturas até o final dessa semana.

De acordo com Heinze, apenas no Rio Grande do Sul há mais de 30 processos envolvendo índios e proprietários de terras. A intenção do deputado é evitar que a ocupação indígena extrapole os limites já concedidos na Constituição de 1988. "Onde eles estão, é lugar deles, mas há irregularidades em vários processos de novos assentamentos", considerou.

O parlamentar gaúcho afirma que o movimento chegou a "importar" índios do Paraguai para aumentar o volume de manifestantes. Heinze comentou, ainda, que um dos líderes do movimento, o cacique Jonatan, está em sua sexta invasão. "Esse cacique já virou um profissional, como no caso do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra)", afirmou.

Após a coleta de assinaturas, a solicitação será levada para a presidência da Câmara. O objetivo da CPI é de pressionar a Funai e as ONGs para que não desrespeitem a legislação brasileira sobre o tema. Em um dos processos em andamento, conforme o deputado, foi solicitada uma área de 15 mil hectares em Faxinalzinho, cidade do interior do Rio Grande do Sul, que conta com área de apenas 14,4 mil hectares. A cidade possui 2.657 moradores, com 700 propriedades rurais.



Quilombolas cobram melhorarias nas estradas

SÍTIO PORTAL, 19.03.2013

As estradas que dão acesso a Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso, no município de Arraias, região Sudeste do Estado, são um dos principais problemas enfrentados pelas pessoas que vivem na localidade. Do centro da cidade de Arraias até a sede são 110 quilômetros de estrada de chão, e 3h30 de viagem, entre buracos, desvios, cancelas e muitos sacolejos.

Dona Osvaldina Marques de Souza, de 58 anos, conta que o problema não para por aí; com as péssimas condições das estradas, não há muito tráfego de veículos, e o custo da passagem por pessoa é de R\$ 28,00 só a ida. "É muito caro, e se precisar ir mais de uma pessoa da família? Não temos como pagar. E se a gente levar encomendas também é cobrado por isso", desabafa.

O problema sempre esteve em foco desde o começo dos atendimentos do Núcleo de Ações Coletivas – NAC, da Defensoria Pública do Tocantins, à Comunidade, em maio de 2012, onde foi identificado o estado de vulnerabilidade e instaurado procedimento para fins de garantir os direitos da comunidade.

Uma das ações realizadas em 5 de setembro no ano passado contou com a participação do secretário de Cidadania e Justiça do Estado do Tocantins, Nilomar dos Santos Farias, que anunciou na ocasião, que em 15 dias o Governo disponibilizaria máquinas para fazer a recuperação das vias de acesso. Passados seis meses e após três ofícios encaminhados pelo NAC à Secretária da Infraestrutura do Estado, e sem nenhuma resposta, o trabalho ainda não foi realizado, nem na Comunidade Kalunga do Mimoso, nem no local denominado "Forte", localizado no interior da propriedade de Isaias de Paula, onde moram três famílias sem condições para o acesso de veículos. Os moradores caminham mais de um quilômetro por trilhas quando precisam escoar a produção, ou mesmo os estudantes para chegar até o ponto de ônibus escolar e o mais grave, quando precisam de atendimento médico.

Para os quilombolas, uma ação paliativa teve início na semana passada. A Prefeitura Municipal de Arraias disponibilizou uma motoniveladora que está trabalhando na estrada. Segundo o prefeito de Arraias, Cacildo Vasconcelos, esse primeiro trabalho é uma espécie de tapa buracos, por ocasião do período chuvoso, mas logo que começar a estiagem, no mês de maio, será feita uma ação mais efetiva para melhorar o acesso da comunidade a cidade.



Adepará vacina contra febre aftosa em aldeias indígenas do Pará

SÍTIO G1, 19.03.2013

A Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (Adepará) prossegue neste mês com a vacinação do rebanho da tribo Munduruku, localizada no município de Jacareacanga, no sudoeste paraense, área com o status livre de febre aftosa com vacinação.

As 25 aldeias indígenas estão localizadas em uma área de aproximadamente 2 milhões de hectares, na divisa do Pará com os estados do Mato Grosso e Amazonas. Uma área de difícil acesso, segundo os técnicos.

De um total de 292 bovinos, 165 destes já foram vacinados. O processo teve o acompanhamento do agente fiscal da Adepará, Aprígio Lins Filho e do coordenador de campo da Fundação Nacional do Índio (Funai), José Artur. De acordo com o agente fiscal, a Funai não tinha feito a notificação de vacinação, porém, a Adepará constatou que o rebanho da região não tinha participado da segunda etapa contra a febre aftosa, realizada no mês de novembro do ano passado. Além da vacinação, os índios receberam orientações de educação sanitária.



Nível do rio Taquari atinge os 5 metros e preocupa ribeirinhos em Coxim

SÍTIO TERRA, 19.03.2013

Devido à grande quantidade de chuva que vem ocorrendo na região, o nível do rio Taquari atingiu os 5 metros no final da tarde desta sexta-feira (08). Motivo para que os moradores ribeirinhos fiquem em alerta.

Na última sexta-feira (1º) o Coordenador da Defesa Civil de Coxim, José Aloísio Muller, explicou que quando a água atingisse a marca dos 5 metros era motivo de preocupação para o município e principalmente para os ribeirinhos.

Em alguns locais o rio Taquari já representa ameaça, é o caso da marcenaria do senhor Benedito Gomes da Costa, de 58 anos, mais conhecido por "Setenta", ele contou a nossa reportagem enquanto retirava seu material de trabalho da água, que o rio está subindo devagar, mas está subindo. "Desde que eu moro aqui, somente três enchentes me incomodaram, tomara que essa não me incomode", disse "Setenta".

Segundo o Coordenador da Defesa Civil, se continuar chovendo nos municípios vizinhos, nível das águas do rio Taquari vai aumentar e consequentemente provocar inundações.